

Walcyr Carrasco

.....  .....

*Juntos para sempre*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para minha mãe, Ângela*

## *Asas do amor*

*Um espírito que vive neste mundo  
E não incorpora o amor  
Atravessa a existência em desgraça.*

*Enlouqueça com o amor,  
Porque o amor é tudo.*

*Não há caminho para existir  
Sem dar e receber amor.*

*Se alguém perguntar: “O que é o amor?”  
Responda: “A dissolução do desejo.”*

*O amor e o amado vivem na eternidade.  
Outros desejos  
São pobres substitutos para o amor.*

*Abandone-se. Viaje na luz do amor  
E você receberá asas.*

*O amor é uma ponte para a alma.*

RUMI, poeta místico persa do século XIII

## *A história de uma história*

*Há alguns anos fui à África* fazer pesquisas para minha novela *Caras & Bocas*, exibida mais tarde pela Rede Globo de Televisão. Eu estava interessado em diamantes. Hummm... Mas quem não está? Claro que gostaria que até minhas obturações dos dentes fossem feitas de diamantes, se tivesse dinheiro para isso. Até agora minha verba só foi suficiente para um único brinquinho, que uso na orelha. Meu interesse em diamantes era puramente profissional, como escritor. A trama central da novela girava em torno de uma família proprietária de minas. Queria visitar os famosos campos de extração sul-africanos para escrever sobre eles.

A viagem de avião de São Paulo a Joanesburgo dura a noite inteira. Para mim, voo noturno não é problema. Pego no sono com facilidade. Tenho o talento de dormir em qualquer lugar. Quando mais jovem, atravessei a América do Sul dormindo em ônibus, caminhões, barcos. Até mesmo em um ônibus boliviano onde as camponesas levavam galinhas e, se bem me lembro, uma cabra no banco atrás do meu. Durmo em aviões como se estivesse em minha própria cama. Meu único medo é roncar, por questão de delicadeza com os outros passageiros. Deve ser muito desagradável conviver com alguém que é capaz de competir com os motores do avião. A vantagem do ronco é que a gente nunca ouve o próprio. Mas já me disseram que meu ronco é de lascar. Felizmente, nos aviões suponho que me comporto. Nunca quiseram me botar pra fora de algum voo devido ao barulho. Talvez, nos aviões, a posição me impeça de roncar. Talvez. Ou os outros passageiros sejam educados demais para reclamar. Só acordo quando é servido o café da manhã. Outra coisa: eu jamais perco um café da manhã! Mas os detalhes sobre minha gulodice eu deixo para outro livro.

O voo para a África reservava uma surpresa.

Adormeci profundamente, como costuma acontecer. E sonhei com uma história completa, do começo ao fim. É a história que conto neste livro.

Sonhar é uma experiência misteriosa. Por mais que os neurologistas expliquem o ato de sonhar como fruto de conexões nervosas do cérebro, o conteúdo de um sonho frequentemente é inexplicável. Muitos psicólogos acreditam que se referem a experiências do dia a dia, a associações com o cotidiano. Isso acontece bastante, penso eu. Mas sonhar pode ser algo mais profundo, que abra as dimensões para outras realidades. Um canal para um universo mágico, para percepções extrassensoriais, capazes de abrir as portas para um mundo além do material. Para histórias, descobertas e segredos guardados no infinito.

Quando a gente sonha, está além da consciência. A sensação do tempo muda. Durante meu voo, sonhei com uma história que durou uma vida. Mais que uma: atravessou séculos. Não foi a primeira vez que isso me aconteceu. Já tinha sonhado com histórias inteiras em outras ocasiões. Esta, porém, foi especial. Quando acordei, demorei a tomar consciência de que ainda estava no avião. Eu havia viajado para muito longe.

Sonhei com uma história de amor. Uma história que começou durante o período da Inquisição e da caça às bruxas. E continuou em outra vida, na atualidade. Os detalhes do passado eram tão reais que resolvi fazer algumas pesquisas. Fiquei especialmente impressionado quando me informei sobre os dados históricos e eles confirmaram várias passagens de meu sonho. O Reino de Granada realmente existiu. A Espanha só foi unificada pelos reis Fernando de Aragão e Isabel de Castela no final do século XV. Mesmo assim, até então se tratava de uma confederação de monarquias. Ainda hoje, algumas regiões da Espanha, embora submetidas ao governo central, possuem certo grau de independência, com língua e administração próprias.

Li bastante sobre bruxas. Muitas eram mulheres comuns, vítimas de maledicências e falsas acusações. Outras curavam doentes com ervas, consertavam braços e pernas quebrados. Acusadas de pacto com o de-

mônio, eram presas pelos agentes da Inquisição. Suas confissões eram extraídas sob torturas a cargo de um religioso. A Inquisição, como se sabe, foi implacável na Espanha antiga. Quando as supostas bruxas confessavam, eram queimadas na fogueira. Isso se não morressem antes, durante os interrogatórios.

O romance com que sonhei despertou minha intuição. Quando uma história surge na vida de um autor, ela toma vida própria. Como minha pesquisa original na África era sobre minas de diamantes, cheguei a descer 500 metros abaixo da terra, no campo de extração da De Beers, uma das principais empresas do mundo nesse mercado. Passei horas percorrendo suas entranhas e tentando encontrar um diamante – mesmo porque, se algum visitante acha algum, a direção da companhia o recompensa generosamente. Que ideia! Nosso guia trabalhou 24 anos abaixo do solo. Nunca achou um que fosse. Diamantes são muito difíceis de encontrar.

Já que estava na África, resolvi ver um pouco mais. Caminhos e coincidências surpreendentes me levaram ao mundo dos leões. Pessoalmente, sempre fui um feliz proprietário de gatos e cachorros. Tenho um encanto especial pela maneira de sentir dos animais. Não só dos domésticos. Os selvagens me atraem profundamente, por serem capazes de amar e proteger seus companheiros e filhotes. Também se ligam aos seres humanos, em muitos casos dando demonstrações de fidelidade impressionantes. Ali, na África, conheci um rapaz que criava leões. Eram oito, a quem ele deu mamadeira desde bebês. Agora, entrava no espaço onde ficavam confinados e brincava com eles como se fossem cachorrinhos, usando apenas luvas de couro para se proteger das mordidas e patadas. Por mais carinhoso que seja, um leão é sempre um leão! Era uma intimidade impressionante. Não posso negar, o rapaz cheirava como um leão. Nunca enfiei o nariz na juba de um leão para ter certeza. Mas o cheiro deve ser bem parecido.

O sonho ainda pairava sobre mim. Os leões se agregaram à história de forma natural, como se fossem um pedaço perdido da trama que eu precisava encontrar.

Sei que todo esse processo é muito misterioso. Minha mente criou

tudo enquanto eu dormia durante a viagem de avião? Ou a história foi “soprada” por um ser imaterial?

Realmente, não sei o que aconteceu. Para mim é um mistério.

Só sei que este livro precisava ser escrito.

WALCYR CARRASCO

# 1

*Sobre seu corpo, apenas* uma bata grossa de linho, larga, mal costurada e suja. Um buraco para enfiar a cabeça. Pés descalços. Cabelos negros. Desalinhados, caíam até quase a cintura. Pele queimada de sol. Nos pulsos, mãos e tornozelos, as marcas da tortura. Feridas nos pés. Manchas roxas de pancadas. Sangue pisado nas faces. Grilhões e correntes de ferro prendiam pulsos e tornozelos. Não teria mais que vinte anos.

Os olhos. O que me chamou a atenção foi o brilho dos olhos. Verdes. Como se guardassem ali uma força vinda não sei de onde. Surpreendentemente, eles se mantinham vivos, como se iluminados por uma luz interior. Cravados em seus executores. Apesar da condição de prisioneira, parecia superior a tudo e a todos. O desprezo era evidente. Fixos, brilhantes, os olhos reforçavam a expressão da moça. Eles deixavam ver uma certeza e uma obstinação que me hipnotizavam. De cabeça erguida, ela desafiava as pessoas que estavam ali. Havia uma verdade oculta por trás daquele olhar.

A multidão que se formara para ver o grande espetáculo se agitava. Homens, mulheres e crianças, imundos e esfarrapados. Falavam ao mesmo tempo. Moleques atiravam pedras na prisioneira. O som das vozes subia e descia, como ondas. Consegui captar algumas palavras. Era um idioma estranho, que, para minha surpresa, eu conseguia compreender. Assim, descobri o que meus olhos já sabiam. A moça era uma feiticeira, condenada a ser queimada viva.

Com dificuldade, os soldados continham um pequeno grupo de ciganos. Entre eles, um rapaz. Cabelos claros, ligeiramente encaracolados. Brinco na orelha esquerda. Pouco mais velho que a moça. Rosto molhado de lágrimas. Músculos retesados, como os de uma fera prestes a atacar.

Prestei mais atenção às conversas a meu redor. Ao idioma. Era espanhol, mas não o que se fala hoje em dia. O que eu ouvia agora era truncado, com sons guturais que pareciam raspar o céu da boca. Talvez fosse um dialeto. Ou espanhol arcaico.

Tomei consciência de mim mesmo. Era eu. Mas ao mesmo tempo não era. Olhei para minhas mãos. Grandes e morenas, pousadas sobre um traje de veludo negro pesado e rústico. Eram minhas mãos. Mas não eram! Meus dedos são longos. Aqueles eram grossos, maltratados. Nunca uso anéis. Naqueles dedos havia muitos. Um deles, especialmente, chamou minha atenção: tinha um rubi gigantesco, cercado de brilhantes, incrustado em ouro.

Bem perto de mim, em um trono de madeira, sentava-se uma mulher de preto coberta de joias bem trabalhadas. De valor. Antigas. De família. Brincos de ouro e pedras preciosas. Uma corrente também de ouro, formada por elos gigantesco, da qual pendia um enorme crucifixo. Na cabeça, uma coroa repleta de pedrarias. Os cabelos negros, puxados para trás, lhe davam uma aparência altiva. Lábios finos. Traços severos. Mesmo assim, tinha certa beleza. Eu sabia de quem se tratava. Era a rainha, que conservava o luto havia muitos anos, desde a morte do marido. Fixei meu olhar naquela mulher. Ela correspondeu e me lançou um leve sorriso. De satisfação? De vitória?

Onde eu estava?

Era o pátio de um castelo de pedra. Medieval. Nossos assentos haviam sido acomodados em uma estrutura de madeira. No alto, o trono da rainha. A multidão amontoava-se, em pé, dos dois lados do pátio. A lenha à nossa frente estava pronta para ser incendiada. A rainha, a corte, os padres e os sacerdotes, prontos para assistir à execução. Minha garganta doía. Parecia sufocado. Queria gritar, mas o grito estava preso. Queria me mexer, mas me sentia paralisado. Uma onda de impotência abateu-se sobre mim. Não podia suportar o que estava para acontecer.

Quis entender quem eu era, por que estava lá. Meu rosto, como seria? Não havia espelho para ver meus próprios traços. Observei minhas roupas. Vestia uma túnica púrpura sobre o traje negro. Nos pés, botas de couro. Senti um peso sobre a cabeça. Ergui as mãos. Toquei uma espécie

de chapéu. Ou melhor, não exatamente um chapéu, mas algum tipo de adereço cerimonial.

O grito da multidão tirou-me do devaneio. A moça foi empurrada pelos soldados. Mesmo assim, manteve-se de pé. Caminhou, ainda de cabeça erguida. Senti um ímpeto de levantar da cadeira suntuosa em que estava. De enfrentar os soldados. Levá-la para algum lugar distante. Não me movi. Assisti a seu andar altivo em direção ao poste em que seria amarrada. Troncos e gravetos dispostos ao redor dele pareciam um emaranhado de teias prestes a se desfazer. Ali ela seria queimada viva.

Imóvel. Para meu horror, permaneci imóvel. Meu coração parecia querer saltar do peito. Ainda assim, continuei sentado. Envergonhado de mim mesmo. De minha covardia. Tinha certeza de que seria impossível enfrentar os soldados que cercavam a condenada. O medo me deixava prostrado. Senti o olhar da rainha em mim. Ergueu o queixo, satisfeita. Aprovava a execução. Mais que isso, parecia triunfante. Vários membros da corte me olharam com respeito e inveja. O gesto real equivalia a uma honra. Para mim, não tinha valor algum. Se eu pudesse pedir clemência para a condenada! Soltá-la, livre de qualquer acusação.

Meus pensamentos voaram. Mas meus olhos continuavam presos a ela, observando seu andar determinado, seu olhar penetrante. De repente a verdade me atingiu como um raio. Eu a amava! Sim, era isso! Queria abraçá-la. Beijá-la. Levá-la para longe dali, a salvo de seus algos, e talvez admirar a lua e as estrelas junto com ela, como fazem os apaixonados. No mais profundo silêncio, apenas me deixando envolver pelo prazer de sua presença.

Foi só um desejo, um sonho acordado, rápido, que passou por mim como um golpe de vento. Voltei a ter consciência da realidade. Desejava ter a força dos mundos para salvá-la. Impossível. Eu me senti fraco, afogado no meu próprio medo, na covardia. E, assim, continuei em silêncio.

Baixei os olhos. Não conseguia olhar para ela sem que uma grande vergonha me invadissem. Vi a terra seca, estorricada. Sol forte. Calor horrível. O peso das roupas tornou-se maior. Não chovia havia muito tempo. As vinhas secaram. Feiticeiras eram queimadas para obter a

graça de Deus. Restaurar a ordem do mundo, trazer a chuva e a prosperidade de volta.

Alguém gritou.

O jovem cigano quis se atirar sobre os soldados. Seus companheiros o impediram. Se tentasse libertar a mulher, morreria também.

Ela subiu os degraus que levavam ao alto da estrutura de madeira. Dois soldados a conduziam. Retiraram os grilhões de seus pulsos e tornozelos. Somente para, em seguida, amarrá-la com cordas ao poste. Os soldados desceram, deixando a prisioneira sozinha sobre a lenha seca. O executor ergueu a tocha. Ia acender a fogueira.

Senti um baque no coração.

Dali a instantes seria tarde demais.

O desespero me fez superar a covardia. Tentei me erguer. Não pude fazer um gesto sequer. A mão do capitão da guarda pousou firmemente sobre meu ombro, impedindo qualquer movimento. O sangue latejava em minha cabeça. Curvei-me para disfarçar as lágrimas. Meu gesto durou poucos segundos. Senti o olhar da prisioneira cravado em mim, tão sólido quanto o toque de uma pessoa. Ela me encarava. O rosto, imóvel. A expressão de quem condena.

Nossos olhares se cruzaram. Naquele instante, o tempo real não existia. Nossos olhos se mantiveram fixos um no outro. Parecia não haver mais nada ao redor. Estávamos acima da dimensão do tempo, paralisados pela mensagem que só os olhos da alma podem trocar. Foi um instante, apenas um instante, um instante mágico como a eternidade, que acontece raramente na vida de cada um. “Adeus”, eu disse no meu coração. Meus olhos continuavam presos aos dela. Agora pareciam embaçados. Lágrimas? Não podiam cair. Não. Os dela continuavam secos. A secura dos realmente corajosos.

Um soldado tocou um instrumento de sopro de som fino e cortante. O verdugo baixou a tocha. Notei uma Bíblia antiga e pesada a meu lado, numa banqueta. Agarrei-a com força. Era só o que me restava. A Bíblia.

O povo gritava em êxtase. A tocha incendiou os primeiros pedaços de madeira seca. A lenha ardeu. As chamas elevaram-se.

A moça desviou os olhos para o rapaz, que chorava. Quase sorriu,

apesar das chamas que subiam depressa. Dolorosamente, percebi que ela já sentia o calor abrasivo da fumaça invadindo suas narinas.

E novamente voltou a cabeça em minha direção. Olhos intensos, mas estranhamente imóveis. Uma labareda lambeu seu traje rústico. As chamas subiram. Logo atingiram seus cabelos.

Seu corpo transformou-se numa tocha. Mas seus olhos! Ah, continuavam fixos em mim! No último instante, antes que seu rosto desaparecesse entre a vermelhidão do fogo, ela sussurrou algumas palavras. Impossível decifrá-las. Mal consegui ver seus lábios, mas tinha certeza: eram dirigidas a mim. Senti um sobressalto. O que teria dito prestes a morrer?

Em agonia, assisti ao fogo devorar suas pernas, seus braços, seus cabelos. Pôr fim a sua vida. E fiz uma promessa no meu coração. Palavra por palavra, inscrita na minha alma.

“Eu te amarei para sempre! Para sempre!”

## 2

*Dei um pulo na cama.* Uma angústia terrível. Novamente, o mesmo sonho! Imagens claras, detalhadas. O rosto da jovem queimada na fogueira já se tornara familiar. Seria capaz de reconhecê-la, caso fosse uma pessoa de carne e osso e não uma personagem que frequentava minhas noites de sono. É claro, tratava-se apenas de um sonho. Uma fantasia que povoava minha mente. Impossível entender por que aquele sonho repleto de sofrimento invadia rotineiramente minhas noites se a vida corria tão bem.

Desde pequeno meu sono era agitado. Acordava gritando palavras num idioma desconhecido. Depois demorava a dormir. Suava. Tinha medo de fechar os olhos e voltar a um mundo aterrorizante. Mas os sonhos naquela época deviam ser diferentes, imagino, pois não consigo me lembrar de como eram. Agora o mesmo sonho se repetia com uma frequência assustadora. Como se houvesse uma mensagem urgente da qual eu devesse tomar conhecimento. Sempre igual. Sempre a mesma jovem queimada na fogueira.

Inútil tentar adormecer novamente.

Levantei da cama. O corpo doía. Toda a tensão que eu tinha vivido no sonho estava colada em meus músculos. Uma terrível vontade de chorar. Isso era estranho, também. Não costumo cair em lágrimas com facilidade. Quando menino me ensinaram que homem não chora. Aprendi a ocultar minhas emoções. Guardá-las como se fossem vergonhosas. Eram o meu segredo!

Cresci. Continuam secretas! Eu me mordo por dentro, mas disfarço. Muitas vezes tenho vontade de gritar, de responder a alguém. Mas me controlo. Sorrio. Finjo que está tudo bem. Não suporto dar demonstrações de fraqueza. Só chorei no dia em que meu pai morreu. Não me lembro de outra ocasião.

Olhei para os ponteiros do relógio. Era madrugada. Fui direto para o chuveiro. Sim, um banho demorado me deixaria novo. E em paz. Água quente me acalma, gosto de sentir os pingos tocando meu corpo. A sensação é de aconchego. Uma carícia forte. Consoladora. Deixei a dor provocada pelo sonho escorrer pelo ralo. Depois me enxuguei sem pressa. Botei a cueca.

“Deve haver algum motivo para ter o mesmo sonho tantas vezes”, pensei.

Vesti um roupão grosso. O frio das madrugadas de fim de inverno ainda incomodava. Fui até a sala, abri uma caixa de madeira talhada à mão e peguei um charuto cubano. Cortei a ponta. O céu estava escuro. As luzes das ruas, ainda acesas. De relance, olhei para o prédio em frente. Um breu. Certamente ali ninguém sofria de insônia. Nem tinha pesadelos. Ou sonhos recorrentes.

O gesto quase mecânico de aparar o charuto mudou o rumo dos meus pensamentos. Minha vida nunca fora tão confortável quanto naquele momento. A infância pobre ainda tinha lugar reservado na minha mente. Não pesava. Mas estava ali, à espreita, me lembrando das dificuldades da vida. Os longos banhos eram resquícius dessas recordações. Trauma dos tempos de infância. Na casa dos meus pais, só havia um chuveiro elétrico. Daqueles que quanto mais se abre, mais frio o banho se torna. Para ter água quente, só mesmo deixando escorrer apenas um fiozinho. Às vezes alguém batia na porta. Insistia para eu sair logo. Era um banheiro só para toda a família.

Rolei o charuto entre os dedos. Cubano, o melhor que havia. Ah! Tornara-se um vício. Apesar de caro, é um prazer que passei a me conceder desde que comecei a ganhar bem. Sempre me criticam por fumá-los. Impossível ser politicamente correto nos dias de hoje! Acendi o daquela madrugada. Sentei-me numa poltrona na varanda do apartamento, uma cobertura muito confortável. Aspirei o charuto. Observei os anéis de fumaça se desfazerem no ar. Olhei para o céu. Era uma maravilhosa noite de lua cheia. Sou fascinado pela lua, principalmente quando está assim, redonda e brilhante. Gorda. Eu gosto da lua gorda. Minhas referências são muito culinárias. Sou um guloso confesso.

Adoro comer bem. Às vezes tenho vontade de morder a lua. Como se fosse um grande queijo.

Meus olhos se fixaram nas silhuetas dos prédios. Cada uma de um jeito, com uma forma. Quantas histórias haveria em cada um daqueles edifícios? Alguém que gostasse de charutos cubanos também estaria sentado na varanda de seu apartamento àquela hora? Permaneci na varanda o resto da noite. A paisagem recortada pelos edifícios gigantes da cidade me acalmava. Peguei no sono algum tempo depois, ali mesmo. Sem nem perceber. Quando acordei, por um instante não soube onde estava. Quase gritei, com medo de ter novamente o mesmo sonho, ficar preso pela eternidade em suas teias. Num corpo que eu desconhecia. Em outra época. A angústia de viver em tempos passados, onde uma mulher podia ser queimada na fogueira, apertava meu peito.

O sol já estava surgindo, fraco, morno. Eu podia vê-lo entre dois prédios. Uma sensação de alívio me invadiu. Fiquei melhor ao constatar que vivia numa cidade enorme, em pleno século XXI.

“Preciso falar com alguém. Falar sobre esse sonho que me acompanha noite após noite. Sobre a angústia que ele me traz”, pensei.

Sabia muito bem que já deveria ter procurado por ajuda especializada. Havia um bom tempo. Mas a ideia me assustava. Marcar consulta com um terapeuta? E se o diagnóstico fosse problema mental? Loucura? Se houvesse algo muito mais grave que simplesmente o sonhar? Eu já tinha lido em algum lugar que confundir sonho com realidade é sintoma de doença. Preferia acreditar que não sofria de nenhum tipo de transtorno mental. “Será que sou tão doido que nem eu mesmo percebi?”, pensei, rindo de mim mesmo. Depois reafirmei: “Não, não! Estou bem da cabeça.” Mesmo assim, temia falar sobre o assunto. Não só com um terapeuta, mas com qualquer pessoa. No sonho, tudo parecia real. Tão real quanto estar vivo, sentado na minha varanda. Como falar sobre essa sensação? O que as pessoas pensariam se me ouvissem? Sou advogado. Trabalho com a realidade. Meu escritório é contratado por grandes empresas. O que diria um cliente? Ou os meus sócios, se soubessem que as emoções despertadas por meus sonhos muitas vezes se confundiam com os sentimentos do dia a dia? Mais que isso: o que

pensariam se eu revelasse que a mulher condenada à fogueira era tão real para mim quanto qualquer outra de carne e osso?

Sim, eu sabia que ela não existia. Era impossível. Apesar dessa consciência, sentia vontade de conhecê-la. Conversar com ela. Acima de tudo, impedir que fosse executada. Era um desejo sem lógica. Como trazer para a realidade alguém que só existe em um sonho? Racionalmente, eu sabia que era impossível. Mesmo assim, ao pensar nela sentia uma estranha emoção. Uma imensa vontade de saber quem era, por que tivera aquele destino cruel.

O dia finalmente clareou. Levantei devagar da poltrona, como se houvesse um peso sobre meus ombros. Apoiei-me na grade da varanda e observei a rua arborizada. Não podia morar em um lugar melhor! Um bairro tranquilo, na melhor região da cidade. As árvores centenárias abrigavam pássaros de muitas espécies. Nesse momento, eles cantavam, como se saudassem o novo dia.

Era incoerente o meu sentimento diante da paisagem que eu tinha à frente. Um novo dia começava e eu ainda estava preso ao sonho que me remetia ao passado, à brutalidade que povoara minha noite.

Deixei a varanda e os primeiros raios de sol. Precisava começar bem a segunda-feira.

Já na sala, tirei o roupão. Gosto de andar pelo apartamento de cueca.

Fui até minha moderna cozinha, aberta para o living. Moro sozinho, num apartamento bem grande, originalmente de quatro dormitórios. Quando o comprei, quis que a arquiteta derrubasse todas as paredes. Fiquei com uma sala gigantesca, um quarto e um escritório. Móveis contemporâneos. Sofás brancos, mesas brancas, paredes brancas, tudo tão branco que acho até falta de imaginação. Mas a *designer* de interiores garantiu que era o máximo do bom gosto. De colorido, só alguns quadros, que ela também escolheu. Às vezes me sinto morando dentro de uma vitrine. Ou de um showroom. Num apartamento sem identidade. Nada de retratos, objetos pessoais, lembranças de viagem. Quando montei o apartamento, tinha a sensação de que estava subindo na vida. Contratei uma arquiteta famosa. Ela estava em quase todas as revistas de decoração. Eu queria ser chique. Agora, cada vez que contemplo

o fogão, a cama, o sofá ou qualquer outro detalhe, sinto uma agulhada de sofrimento. Eu ainda era inexperiente na área. Quando falava para a arquiteta de algum móvel mais simples de que tinha gostado, ela torcia o nariz. E me lançava um olhar de desprezo. “Será que sou brega?”, me perguntava, em tom de crítica. Eu acabava aceitando a decisão dela.

Hoje, olhando para o apartamento sofisticado, sinto falta de calor humano. Mesmo com as dificuldades, na minha infância os lugares e as pessoas eram mais amigos.

Eu ia à escola, conversava com o sapateiro da esquina, fazia as lições de casa. Subia na goiabeira do quintal. Me empanturrava de frutas. Entre um pé de jabuticaba e um de carambola havia uma pitangueira. Eu não sabia o que escolher. E claro, escolhia todas! Passava grande parte do meu tempo ali. Era o lugar onde eu imaginava o futuro, onde sonhava com uma vida diferente. Queria ser famoso. Reconhecido. Importante. E estava determinado a ser!

O convívio com minha mãe sempre foi difícil. Ela guardava as emoções escondidas dentro do coração. Como me ensinou a fazer. O olhar que me dirigia era sempre duro. Sem afeto. Crítico.

Vivíamos com dificuldade. Nada me faltava, mas também não havia nem de longe qualquer luxo. A infância transcorreu sem brinquedos caros ou viagens de férias. Talvez por isso minha mãe fosse tão enérgica comigo. Talvez quisesse que eu fosse alguém na vida. E não podia amolecer. Homem não chora! O desejo de mostrar a ela que eu era capaz me acompanhou durante a infância e a adolescência. Como uma agulha cravada na pele. Ali, à vista, não me deixando esquecer nem por um momento que, se eu fosse alguém, teria o afeto tão ansiado. Teria o amor da minha mãe.

Também foram tempos penosos os da minha juventude. Quando meu pai faleceu, eu já havia me mudado para São Paulo e fazia faculdade. Vivia por minha conta. Minha mãe e minha irmã, no interior, se sustentavam com as poucas oportunidades de trabalho que uma cidade pequena oferece. Só isso. Nada de pequenos prazeres nem extravagâncias. Uma vida controlada. Na ponta do lápis. Eu ganhava pouco, mas conseguia mandar alguma ajuda. Conseguira entrar em uma faculdade

do Estado. Já era uma economia! Todos os dias eu fazia contas e mais contas, para ver como chegar até o final do mês. Não raro, tinha de ir trabalhar a pé, para economizar o dinheiro do ônibus e ter um trocado para comer um pastel. Não dizia nada a ninguém. As palavras de minha mãe – “Homem não chora!” – continuavam entalhadas a ferro no meu coração, na minha mente, no meu comportamento.

Algumas vezes eu me questionava sobre como seria o outro lado da vida. Onde estavam as marcas de Deus neste mundo? Depois que meu pai se foi, muitas vezes eu me pegava pensando sobre o que acontece quando as pessoas morrem. Onde estaria meu pai? Sempre antes de dormir, essas perguntas me vinham à cabeça, e eu ficava imaginando todas as possibilidades de vida após a morte. Tinha de existir algo além da vida como a conhecemos. Não era possível que nossa existência acabasse com a morte. Não devia ser simples assim.

A luta diária, a busca pela sobrevivência, a necessidade de conseguir meu sustento me fizeram deixar de lado as questões mais elevadas. É difícil pensar nas coisas do espírito com a barriga vazia. Algumas pessoas conseguem transformar o sofrimento em uma espécie de santidade. Eu, não. Quando faltava dinheiro, minha maior preocupação era se teria o suficiente para o almoço do dia seguinte.

“Hoje em dia posso viver como quero”, congratulei-me.

Quando comecei a ganhar dinheiro, queria que todos vissem meu sucesso. Desejava ser reconhecido pelos outros. O valor do status! Não precisava mais batalhar pela refeição do dia. Queria, principalmente, que minha mãe visse aonde eu havia chegado. Era um vencedor!

Não que eu seja milionário. Ganho bem, não nego. Gasto a maior parte do que entra. Claro que gasto com coisas importantes, como ajudar minha mãe e minha irmã. Mas também com outras desnecessárias, como no episódio da decoração do apartamento. Objetos caros. Claro, a arquiteta e decoradora recebia porcentagem das lojas. Foi o que descobri. Quanto mais gastei, mais ganhou. Parece piada, mas não posso reclamar. Advogados também recebem porcentagens das causas que ganham. A vida no mundo de hoje é assim. Uma corrente cujos elos são os lucros e as perdas de cada um. Todo mundo fala em amor e so-

lidariedade. Mas, diante de qualquer possibilidade de lucro, o próximo é esquecido.

Quando me tornei adolescente e mesmo depois, logo ao entrar na faculdade, tinha muitos projetos. Basicamente, acreditava em fazer o bem. Mas a vida foi dura comigo. Virei um sujeito calejado. Ainda sinto vontade de fazer a diferença, de dar alguma contribuição para o mundo. Não viver somente pensando na parte material. Mas falta coragem para mudar meu estilo de vida. Acabei dedicando quase todo meu tempo a ganhar dinheiro. Ou a gastá-lo em luxos – incluindo os desejos de minha namorada, Érica. É uma contradição interior que só eu sei que existe. Meus sentimentos mais profundos ficaram guardados numa caixinha, escondidos até de mim mesmo. Tranquei minhas emoções a sete chaves. Hoje em dia, só vive bem quem se comporta como fera. Foi assim que aprendi a ser: fera. “Vivo como eu queria viver?”, pergunto a mim mesmo com frequência. Mas quem imagina as minhas dúvidas interiores? Todo mundo me considera um sucesso. Para a sociedade, eu sou um vencedor.

Ali, parado na cozinha, entretido com esses pensamentos, comecei a preparar o café da manhã.

Abri a geladeira. Peguei dois ovos. Quebrei-os em uma tigela. Botei uma pitada de sal. Outra de pimenta. Bati tudo rapidamente. Acrescentei um pouco de leite. Este é o segredo para uma boa omelete: o leite. Coloquei na frigideira em fogo médio e tampei-a.

Enchi um copo com suco de laranja. Botei duas fatias de pão na torradeira. Quando saltaram, a omelete estava quase pronta. Acrescentei duas fatias de mozzarella. Quando o queijo derreteu, dobrei a omelete com uma espátula. Virei no prato.

O café da manhã é minha principal refeição do dia. Muitas vezes, troco o almoço por um sanduíche. À noite... Ah, aí é que entra o meu prêmio! Adoro ir a restaurantes. Conheço os melhores da cidade. Sou guloso, já disse. Só não como muito mais porque Érica vive de regime. Controla não apenas a própria comida, mas também minhas garfadas. Mesmo nos melhores restaurantes, ela faz questão de comer pouco – e sinto dor na consciência ao escolher dois ou três pratos do cardápio só

para mim. Por isso, o café da manhã é o momento do dia em que posso comer quanto quero, me esbaldar, sem ninguém para dizer:

– Assim você vai engordar!

Vou diariamente à academia. É o único jeito de me salvar dos efeitos da minha gulodice. Ah, como adoro comer bem. Para minha sorte, atualmente guloso deixou de ser guloso. Virou *gourmet*. Soa mais chique. Então posso esticar os olhos para as tortas cheias de creme e chantili, que me dão água na boca só de pensar! Mantenho o corpo atlético, embora lute bravamente contra uns pneuzinhos na barriga.

Quase sorrindo, deixei o prato e a frigideira na pia. Fui rapidamente para o quarto. Se continuasse na cozinha, acabaria fazendo uma nova inspeção na geladeira. Coloquei um short de ginástica e uma camiseta na mochila que levo para a academia. Guardei na minha pasta as cópias de um processo que levava para estudar em casa.

Ainda estava de cueca. É meu traje predileto. Seria feliz se pudesse trabalhar só de cueca. Principalmente nos dias mais quentes. Imagino a reação das pessoas se eu comparecesse a um julgamento vestido assim. O susto do juiz, do promotor, das testemunhas. Rio só de pensar. Eu, andando de um lado para outro, de cueca!

Abri meu armário repleto de camisas brancas, ternos pretos, cinza ou azul-marinho. Cor, só nas gravatas. Me arrumei. Eram seis e meia da manhã. “Melhor já ir para o escritório. Assim não pego trânsito”, resolvi. Os congestionamentos na cidade costumam durar horas. Recentemente um jornal comparou a velocidade de uma galinha à de um carro preso no trânsito paulistano. A galinha ganhou. Sempre que olho para aquela fila imensa de carros quase parados, penso em galinhas. Uma granja inteira invadindo São Paulo. Galinhas de todas as cores. Penas para todo lado. Com esse pensamento, encaro o trânsito de bom humor.

Parei em frente ao grande espelho que tenho no closet. Olhei para a imagem refletida nele. Sim, eu definitivamente era um homem elegante. Claro que nenhuma mulher viraria a cabeça, deslumbrada, quando eu passasse. Mas eu tinha meu charme, precisava admitir.

Ao sair do quarto, parei na porta. A cama desarrumada fez o sonho voltar à minha lembrança. Assim como a intensidade de minhas emo-

ções. Refleti como minha reação ao sonho era incompreensível. Por que mexia tanto comigo? “Não faz sentido”, pensei. Pela milésima vez, repeti a mim mesmo: “Esse sonho não tem nada a ver comigo. Nunca vi essa mulher. Não falo espanhol, muito menos aquele estranho dialeto.” E o principal: nunca fizera uma promessa absurda como a do sonho: “Eu te amarei para sempre.”

Amor? Nunca havia amado alguém. Nem me apaixonado. Quando ouvia as pessoas falarem em amor, não entendia todo o entusiasmo com que elas se referiam a esse sentimento. Talvez o amor nem existisse. Quem sabe fosse pura imaginação. Então, como falar em amor eterno?

Impossível entender aquele sonho. Sim, impossível. Devia haver alguma explicação mais profunda. Psicológica. Era questão de tomar coragem e procurar um terapeuta. Buscar ajuda para acalmar minhas noites e não acordar sobressaltado. Angustiado. Precisava de uma boa noite de sono. Coisa que havia muito não tinha. Intimamente tomei a decisão de superar minhas dúvidas e buscar um terapeuta. “Farei isso assim que tiver uma folga no escritório”, pensei. Poderia tratar a tempo se fosse um indício de desequilíbrio. Antes, porém, precisava vencer o medo que tinha de psicólogos e psiquiatras.

Sim, eu precisava me libertar daquele sonho. Principalmente daqueles olhos verdes dos quais continuava a me lembrar quando já estava bem acordado.

### 3

*O trânsito estava tranquilo* naquele horário. O tempo, ameno. Passei no escritório, peguei alguns documentos e saí. Havia marcado uma reunião com diretores de uma empresa que ficava do outro lado da cidade. Liguei o rádio. Música orquestrada. Não. Não era para mim, aquele dia. Não depois do sonho que tivera, da madrugada na varanda e do charuto fora de hora. Preferi colocar no noticiário.

Só voltei ao escritório no final da manhã. Mal saí do elevador, Mírian, minha secretária, disparou em minha direção:

– Dr. Alan, bom dia. Ainda bem que o senhor chegou. O Sr. Tobias ligou várias vezes. Disse que tem urgência em falar com o senhor. Ligou para seu celular, mas caiu na caixa postal.

– Desliguei para a reunião...

Essa era outra atitude que também estava se tornando um hábito. Desligar o celular e esquecer de ligá-lo novamente. O que estava se passando comigo? O celular era meu instrumento de trabalho! Ah, o sonho estava realmente tirando minha concentração.

Peguei o aparelho no bolso do paletó. Liguei. Tobias havia telefonado várias vezes. Isso não me espantava. Ele sempre fora obsessivo quando queria alguma coisa.

– Ele disse qual era o assunto?

– Não, senhor.

Tobias é meu melhor amigo. O mais próximo. Eu o conheci na faculdade. Estudamos juntos nos dois primeiros anos. No final do quarto semestre, ele simplesmente abandonou o curso. Por impulso. Achou que ganharia mais dinheiro em um grande negócio. Qual? Nem me lembro mais. Nos últimos anos Tobias muda de negócio para negócio como quem troca de sapatos, sempre à procura da grande oportunidade

para enriquecer. É inquieto, incapaz de se conformar com a rotina. Vive mergulhado em sonhos de grandeza. A impulsividade o acompanha em quase tudo. Se consegue um emprego, larga poucos meses depois. Acredita que não está sendo valorizado. Ou porque julga ter encontrado outro muito melhor, a fórmula para ganhar rios de dinheiro. Pula de profissão em profissão, como se uma fortuna fosse chover sobre sua cabeça a qualquer momento. Como se a riqueza fosse um golpe de sorte, e a vida, uma eterna loteria.

Tobias não tem a menor ideia de como ganhar dinheiro e guardá-lo. Essa é a verdade. Nas poucas vezes em que acertou num negócio, gastou o lucro rapidamente em compras, viagens e outros luxos. Depois de abandonar a faculdade, meteu-se em uma série de empreitadas – venda de carros, produção de legumes orgânicos, organização de eventos – e tentou até fazer carreira como cantor sertanejo. Todas as vezes, garantia: “Agora estou no caminho certo! Vou ganhar uma grana!”

Sempre acabava quebrado.

Eu me espantava com a facilidade que tinha em conseguir sócios para suas loucuras. Ou empréstimos. Ficava mais espantado ainda com a rapidez com que os negócios iam por água abaixo.

Quando nos conhecemos, logo ficamos amigos. Éramos muito diferentes um do outro. Água e vinho, como se diz. Filho de uma família de classe média, Tobias não tinha problemas financeiros, não precisava trabalhar. Só estudava. Ele me emprestava os livros mais caros, que eu não podia comprar. Também me convidava para comer, quando percebia que o dinheiro estava curto. Eu quase sempre aceitava e até hoje agradeço as boas refeições.

Minha vida na época era uma correria só. Trabalhava, fazia estágio, estudava, morava sozinho. Tinha de cuidar das minhas coisas. Nem sempre podia acompanhá-lo nas suas aventuras. Embora vontade não faltasse. Enquanto eu buscava uma carreira, estabilidade profissional, ele se aventurava em negócios e mais negócios. Sempre com a cabeça nas nuvens, sonhando com a fortuna que chegaria com o amanhecer. Mas, como diz o ditado, dinheiro não aceita desaforo. Com o passar do tempo, a situação financeira de meu amigo foi piorando. Ao contrário

da minha, que melhorou bastante. A situação se inverteu. Agora era eu quem tinha condições de ajudar Tobias. Só me recusava a entrar como sócio em seus negócios. Seria o caminho mais rápido para perder a amizade que, para nós dois, era tão importante. Sempre que podia, tentava botar juízo na cabeça dele.

Alguns anos atrás me tornei sócio de um grande escritório e comecei a ganhar dinheiro. Mesmo assim, eu evitava emprestar dinheiro a Tobias na esperança de que, movido pela necessidade, ele se dedicasse a uma profissão mais sólida. Ou, pelo menos, permanecesse em algum emprego. Com o passar do tempo, comecei a ajudá-lo com pequenas quantias, para impedir que passasse necessidade. Seus pais agora viviam de aposentadoria e não podiam arcar com despesas extras. E Tobias tinha a própria família para sustentar.

Quando o conheci, meu amigo apaixonava-se com facilidade. Tanto que, quando apresentava uma namorada nova, garantindo ser o grande amor de sua vida, eu fazia piada: “Vamos aguardar a próxima.”

Ele me olhava torto. Eu ria. Sabia que na semana seguinte lá estaria ele com outra pessoa, dizendo que não saberia o que fazer se ela o deixasse. Eu? Só esperava para ver! Porque era sempre Tobias que as deixava.

Foi uma surpresa quando vi que o namoro dele com Helena havia passado do terceiro mês. E do quarto. E mais alguns meses. Susto maior foi quando ele me convidou para ser padrinho de seu casamento.

Quando conheci Helena, percebi uma serenidade imensa em seus gestos, em sua maneira de sorrir. Em seu olhar. Mas também havia uma firmeza incrível em sua voz. De quem sabia o que queria. Talvez ela conseguisse colocar juízo na cabeça de Tobias. Tornasse meu amigo um homem sensato.

Que ideia, a minha! Quando teve uma maré de sorte, Tobias convenceu a mulher, embora com dificuldade, a deixar o emprego de professora. “O salário dela é muito baixo. Não vale a pena”, justificou.

Realmente, Helena não ganhava bem, mas aquela era a única fonte de renda fixa do casal. Quando os negócios de Tobias mais uma vez deram errado, ele e Helena ficaram completamente sem dinheiro. A filha deles, Alice, chegou em uma época de vacas magras.

O nascimento do bebê e os primeiros cuidados exigiram boas somas de dinheiro. Alice tinha uma lesão cerebral. Precisava de cuidados médicos intensos. Eu jamais abandonaria meu amigo naquele momento. Ajudei bastante a família. Helena queria voltar a dar aulas, mas a filha exigia dedicação total. Tobias continuava tentando novos negócios. De tempos em tempos, eu “emprestava” novas quantias. “Empréstimo” é uma forma educada de falar de doação pura e simples. Eu sabia que o dinheiro nunca seria devolvido. Mas minha vida profissional ia cada vez melhor, então que importância tinha? E eu era maluco pela menina. Sim, Alice era especial. Era também a garotinha mais adorável do mundo!

Eu nunca a deixaria sofrer por causa da falta de juízo do pai.

Tobias jurava que a qualquer momento faria um grande negócio. Seria milionário. Até me prometia: “Ainda vou lhe dar uma casa à beira-mar! E compensar a ajuda que tem me dado.”

Nessas ocasiões, eu e Helena nos olhávamos disfarçadamente. Fazer o quê, se Tobias sonhava acordado? No íntimo, ele era como um irmão. Era assim que eu agia: como o irmão cuidadoso de um desmiolado.

Balancei a cabeça. Se ele estava me ligando com tanta insistência, devia ter um bom motivo. Algum problema. Concluí: “Tobias precisa de dinheiro. Um novo ‘empréstimo’. Seria o aluguel, a escolinha da Alice?”

Liguei. Ele atendeu ao primeiro toque.

– Alan! Que bom! Estava louco para falar com você!

Já ia perguntar: “De quanto precisa?”, mas não deu tempo.

– Você não sabe o que aconteceu.

– Que tal me contar? – perguntei, meio irônico, meio sorrindo.

Fui até minha sala. Coloquei a pasta em cima da mesa e me acomodei na confortável cadeira de couro. Quando contava alguma história, Tobias se prendia aos detalhes. Pelo visto o telefonema seria longo. Comecei a separar os papéis sobre minha mesa em pilhas, de acordo com a urgência. Mas desta vez ele foi direto, objetivo. Disparou:

– Recebi uma herança.

– Como assim, herança? – perguntei, surpreso. Aliás, tão surpreso que minha mão ficou paralisada sobre os papéis que eu arrumava.

– De um tio, irmão da minha mãe.

– Eu nem sabia que você tinha um tio, Tobias.

Mais uma novidade dele. E eu pensava que o conhecia bem! O que mais havia na vida do meu amigo que eu não sabia?

Sem nem me dar tempo para pensar, ele já foi logo respondendo:

– Eu não o conheci. Só sei que se chamava Ciccillo. Era bem mais velho que minha mãe. Fugiu com um circo quando era mocinho.

“Deve ter sido o outro doido da família”, pensei. Não resisti e fiz uma brincadeira:

– Agora sei a quem você puxou, Tobias.

Ele se ofendeu. Como se eu tivesse dito um absurdo. Como se não fosse igual ao tio, capaz de largar tudo e fugir com um circo.

– Não faz piada, Alan, é sério.

– Tá bom, então me explique melhor essa história de herança – falei, o mais sério que pude.

“Lá vem mais uma história mirabolante de Tobias”, pensei.

– Também não sei muita coisa.

Tobias começou sua longa história: o tio sonhava com o mundo fora da fazenda em que vivia. Certo dia, um circo chegou à cidade. O menino se encantou. Fez amizades. E partiu, contra a vontade de todos. Enviava notícias. Quando o circo estava pelas redondezas, ia visitar os pais e a irmã. Na última vez em que a mãe de Tobias viu o irmão, meu amigo ainda estava na faculdade.

– De vez em quando, ele mandava um cartão-postal. E minha mãe escrevia para o endereço que tio Ciccillo colocava no remetente. Chegou a lhe mandar uma foto minha, porque achava que eu era parecido com ele. Quando tio Ciccillo escreveu outra vez, disse que a semelhança era mesmo muito grande. E só. Nunca mais deu notícias – explicou Tobias.

– Nesses tempos de internet, de e-mail, como alguém pode ficar sem notícias? Ainda mais de um irmão?

– Alan, você conhece minha mãe e meu pai. Têm lá a vidinha deles. Nunca aprenderam a mexer com computador. Meu tio fugiu de casa sem ir adiante com os estudos. Foi viver a vida dele, de nômade, parando com o circo em muitas cidades. Minha mãe sabe disso por causa dos cartões. Duvido até que usasse internet para alguma coisa.

– O que ele era? Trapezista? Palhaço? – quis saber.

– Não tenho a menor ideia. De vez em quando minha mãe falava do espírito aventureiro do irmão. Quando eu era pequeno e via um circo, mesmo esses menores, de bairro, pobrezinhos, pensava: “Será que é o circo do meu tio?” Era engraçado, porque eu tinha vontade de conhecê-lo. Para mim, era um herói destemido! – arrematou Tobias.

Fiquei impressionado com o jeito de meu amigo falar, encantado pelo tio. Afinal, já fazia muito tempo que éramos amigos e ele nunca contara nada a respeito. Mais uma surpresa!

– Ele nunca mais veio nos visitar, vivia pelas estradas com o circo – completou.

Era uma história esquisita. “Por que uma pessoa deixaria uma herança para um sobrinho que só conhecia por fotografia?”, me perguntei. Por outro lado, como advogado, aprendi que as pessoas nem sempre agem como esperamos. Quando se trata de heranças, então, nem se fala. Às vezes a leitura de um testamento é uma surpresa agradável para toda a família. Em outras, o início de uma guerra em que relacionamentos fraternos são destruídos por causa de um jogo de porcelana! O que haveria por trás da herança de Tobias? Senti um calafrio. Perguntei, francamente aterrorizado:

– O que foi que ele deixou? Não vá dizer que foi um circo. – Já estava vendo meu amigo dependurado num trapézio. Continuei: – Não, não! Tobias, você pretende dirigir um circo? Viver ao léu? Eu não vou deixar você sair por esse mundo afora com mulher e filha. Não vai querer que a Alice viva num circo, para cima e para baixo!

Tobias ficou em silêncio. Permaneceu assim por tanto tempo que, se não fossem os ruídos ao fundo, eu poderia achar que ele tinha desligado o telefone.

– Alan, por que você sempre pensa o pior de mim?

– Devo dizer que tenho motivos? – retruquei, sorrindo.

– Eu tenho mais juízo do que você pensa.

Suspirei. As pessoas costumam ter uma ideia de si mesmas muito melhor do que a realidade. Era o caso de Tobias. Apesar de tudo dar errado nos negócios que fazia, ele se considerava um empreendedor sa-gaz, apenas vítima de injustiças.

– Só me responda uma coisa: você recebeu um circo de herança e pretende sair pelo mundo, Tobias? – insisti.

– Meu tio não me deixou um circo, não se preocupe. É uma fazenda, Alan. Meu tio me deixou uma fazenda!

– Uma fazenda?

Quase caí da cadeira. Afrouxei a gravata. Será que a fortuna tão sonhada por Tobias teria caído do céu? Ou melhor, de um circo?

– É. Recebi uma notificação. A sorte é que mamãe não se mudou desde a última vez que meu tio apareceu na cidade, por isso foi fácil me encontrar. Meu tio tinha o endereço.

– Detalhes, detalhes! – pedi, querendo saber mais sobre aquela notícia tão surpreendente.

– Pelo que entendi, a fazenda fica próximo a Holambra.

– É bem perto daqui, então!

Eu não conhecia a cidade. Apenas lera a respeito dela. Um pedacinho da Holanda no Brasil. Sabia que a Festa das Flores, no começo da primavera, era famosa no país inteiro e atraía multidões. Dizem que Holambra se transforma na época da exposição. Muita gente vai em busca das tulipas que os imigrantes holandeses cultivam em estufas.

Tobias interrompeu minha divagação:

– Sim, é bem perto daqui, você sabe. Não mais do que duas horas de carro. Imagina eu ter uma fazenda perto de São Paulo! Que sorte grande, Alan!

– Seu tio cultivava flores? – perguntei, tentando fazer meu amigo colocar os pés no chão.

– Estou tão curioso quanto você, Alan. Não faço ideia. Mas, você sabe, mesmo meu tio tendo deixado a fazenda para mim, vai ser preciso cuidar da papelada. Não conheço ninguém em Holambra. Muito menos um advogado. Alan, preciso de você para me ajudar.

Não hesitei:

– Você sabe que pode contar comigo, Tobias. Cuido de tudo pra você. Meu escritório está à sua disposição.

Eu me sentia tremendamente feliz por Tobias. Uma fazenda! Podia ser a solução para a vida dele. O golpe de sorte que ele sempre havia esperado!

– Vou mandar um dos advogados do escritório para lá, Tobias. Ele cuida de tudo.

Houve uma pausa. Seu tom de voz mudou:

– Alan, eu gostaria que você fosse pessoalmente.

– Tobias, cuidar de um testamento é trabalhoso, mas não difícil. Eu mando um dos meus advogados. São todos de confiança, fique tranquilo – insisti.

– Não é bem assim, Alan. Parece que tem alguém contestando o testamento. A pessoa ainda não entrou com a ação judicial, mas fui informado de que vai entrar.

– Quem?

– Uma mulher.

“Estava fácil demais!”, pensei. Disparei minhas perguntas:

– Namorada? Amante? Se ela provar que eles tinham uma união estável, vai ficar difícil para você. Os direitos são semelhantes aos do casamento. O testamento será considerado inválido.

– Não tenho a menor ideia de quem seja. Pelo que entendi, é muito jovem.

– Qual era a relação dessa garota com seu tio?

– Não sei nada. Mas ela deve ter algum motivo pra contestar o testamento, não é? – Ele deu um suspiro profundo. – Alan, preciso muito da sua ajuda.

Pela primeira vez na vida, meu amigo não parecia tão otimista. Havia angústia em sua voz:

– Esta pode ser a grande oportunidade da minha vida. Você mesmo sempre vive dizendo que já não tenho idade para ficar atrás de aventuras.

Fiquei em silêncio. Ele parou por um instante. Como viu que eu não falei nada, continuou, agora em tom de lamentação, algo que nunca vira Tobias fazer:

– Nunca tive um emprego estável, nem conseguiria algum se procurasse agora. Para o mercado de trabalho, sou considerado velho. Ainda mais sem experiência em nada específico. Você sabe como é. Todos os meus negócios deram pra trás. Essa fazenda pode ser a solução para minha vida, Alan. Pode ser o fim dos meus problemas.

Não era impressão minha. Tobias estava diferente. Parecia ter enten-

dido que não dava para levar a vida como se fosse uma eterna aventura, sem responsabilidade nem planos para o dia seguinte. E ele estava certo. O mercado de trabalho é cruel com pessoas que se aproximam dos quarenta anos. Principalmente sem experiência anterior. “Finalmente ele tomou consciência da realidade”, pensei.

Meu amigo não perderia a fazenda. Nunca! Fosse quem fosse a golpista, eu a faria perder. Jamais falharia com meu amigo.

– Se tem alguém contestando, vou eu mesmo, Tobias. Fique calmo. Agora me conte o que sabe, mesmo que seja pouco.

– Liguei para o advogado que está cuidando das coisas do meu tio. Dr. Balthus. Ele foi bem lacônico. Só disse o que acabei de falar para você. Mas vou para lá ainda hoje.

Conversamos um pouco mais. Combinamos tudo. Eu iria na manhã seguinte. Precisava de pelo menos um dia para avisar meus sócios e deixar tudo organizado no escritório.

Eu tinha certeza de que poderia ajudar Tobias. Tinha experiência, conhecimento, reputação. Já havia trabalhado em casos muito difíceis e sempre tivera sucesso. “Com a experiência que tenho, essa mulher não vai ter a mínima chance”, pensei.

– Amanhã vou pra lá – confirmei. – Ligo do hotel para a gente se encontrar – falei. – O melhor é falar logo com esse Dr. Balthus e tomar pé da situação. Você me liga ainda hoje para dizer em que hotel vai ficar? Assim ficamos no mesmo.

– Parece que posso ficar na fazenda.

– Já?

– Foi o que eu entendi. O Dr. Balthus está com as chaves da casa sede, disse que posso ficar na fazenda. Até insistiu. Deu a impressão de que queria me entregar logo as chaves – contou Tobias.

– É estranho, não acha?

– Mas é melhor para mim. Vou com a Helena e a Alice, pronto para passar um bom tempo.

Alguma coisa estava errada naquela história, eu tinha certeza. Se o testamento estava sendo contestado, com o risco de uma ação judicial, por que o advogado entregaria as chaves ao Tobias? Arrisquei:

– Você teve mesmo a impressão de que ele estava ansioso para você ficar na fazenda? – perguntei.

– Tive. Fiquei até surpreso. Mas, já que ele vai me entregar as chaves, vou ficar lá. Depois ninguém me tira – insistiu Tobias, agora voltando a ser meu velho e aventureiro amigo.

– Cuidado. Não é assim. Se você perder o processo, vai ter que sair, sim – alertei.

Eu estava disposto a me entregar de corpo e alma àquela causa. Mas era bom não deixar Tobias pensando que tudo seria muito fácil. Senão, a cabeça dele iria parar nas nuvens, como sempre.

– Às vezes é melhor ser radical. Comigo morando na fazenda, vai ficar tudo mais difícil para essa mulher que está contra o testamento.

Já conhecia Tobias o suficiente para saber que seria inútil argumentar durante horas. Ele não mudaria de opinião. “Está achando que a fazenda é a grande cartada de sua vida”, pensei. Só me restava torcer para que não desse tudo errado mais uma vez. Ainda tentei aconselhar:

– A atitude desse advogado é suspeita, Tobias.

– Alan, vamos combinar a viagem?

Desisti. Se queria ajudar meu amigo, teria de ser garantindo os direitos dele sobre a fazenda. Conselhos eram inúteis. Combinamos que eu ligaria quando chegasse a Holambra.

– É melhor você já avisar ao advogado que vou chegar amanhã – falei.

Mentalmente, decidi que seria melhor levar uma mala com roupas para vários dias. Não sabia o que me esperava. A única certeza que eu tinha era que precisava ajudar Tobias.

Desliguei o telefone, apreensivo. Meu sexto sentido insistia em me dizer que algo não estava certo naquela história.

Uma coisa eu não imaginava. Aquela viagem iria mudar minha vida para sempre!

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br),  
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)  
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)